

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2006 - ANO X - Nº 114

Reprodução

EDITORIAL

Todos os anos, no período que vai de julho a outubro, assistimos ao crescente número de queimadas que ocorre em diferentes pontos do município. Decorrentes da estiagem, acontecem tanto na zona urbana quanto na rural, conferindo um aspecto triste à paisagem, cobrindo-a com densa nuvem de fumaça e fuligem. No centro da cidade, as queimadas sazonais não permitem que a cobertura vegetal, que há anos insiste em crescer em nossas encostas, forme bosques. Este ano não foi diferente. Mal começou o período de seca, presenciamos inúmeros focos de incêndio.

As queimadas dão uma sensação de perda, de desmazelo, de abandono. Refletem a falta de consciência ambiental, sem que nenhuma ação minimize o impacto por elas causado.

A prevenção permanente é a melhor maneira de se evitar os danos causados por esses incêndios. As queimadas interferem diretamente na qualidade do ar, na física, na química e na biologia dos solos, na vegetação e, indiretamente, podem afetar os recursos hídricos. Assim, o impacto ambiental por eles causado preocupa a todos, pois envolve a fertilidade do solo, a destruição da biodiversidade, a fragilidade dos agro-ecossistemas, a destruição das linhas de transmissão e outras formas do patrimônio público e privado. Além disso, as queimadas geram gases nocivos à saúde, causam a diminuição da visibilidade atmosférica e o aumento de acidentes em estradas.

Com a destruição da cobertura vegetal, o solo fica exposto ao sol, às chuvas de verão e ao vento, tornando-se propenso a erosões e desabamentos. Grandes áreas erodidas em nosso município são decorrentes das queimadas anuais e da falta de cobertura vegetal, uma vez que não há tempo para sua recuperação.

A maioria das queimadas tem como causa a negligência dos que descartam pontas de cigarro, fogueiras mal apagadas ou pessoas que, propositalmente, ateiam fogo em encostas para limpar pastos ou, simplesmente, para assistir ao efeito destruidor das labaredas.



O jornalista Armando Brussolo, do “A Gazeta”, chega à Estação Ferroviária Rodrigues Alves, para cobrir a frente de Piquete durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Para recordar a Revolução Constitucionalista

Os setenta e quatro anos da Revolução Constitucionalista de 1932 foram comemorados no último dia 9 de julho. Este movimento está entre os maiores conflitos civis e um dos mais importantes acontecimentos políticos da história do Brasil.

Ocorrido no estado de São Paulo, o movimento tentou impedir a continuação do governo provisório de Getúlio Vargas instaurado em 1930. Os revolucionários exigiam nova constituição e eleição presidencial. Deflagrada a revolução, o movimento recebeu o apoio de vários setores da sociedade paulista. Estudantes, intelectuais e políticos ligados à República Velha ou ao Partido Democrático pegaram em armas durante os três meses de luta que iniciou na capital e ganhou o interior.

A localização estratégica do município e a importância da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça para o Exército Constitucionalista concorreram para que, logo após o início do conflito, tropas revolucionárias se dirigissem para Piquete. A população foi surpreendida por um número cada vez maior de soldados que desembarcavam na Estação Ferroviária Rodrigues Alves; e, sem entender o que estava acontecendo, procurou se refugiar na zona rural, esvaziando a cidade. Aos poucos, foi retornando à cidade e aos seus afazeres, passando a apoiar a causa paulista.

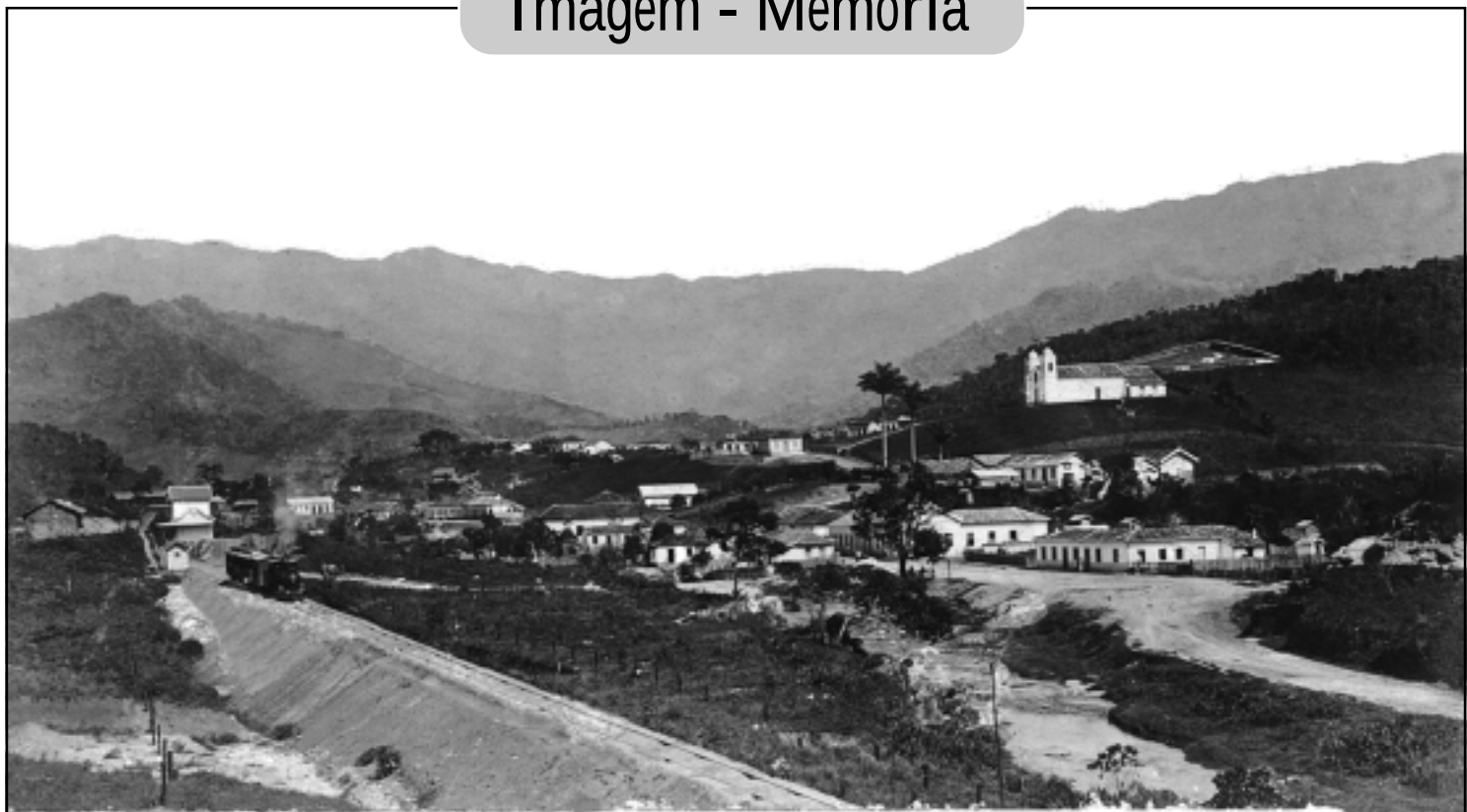
A direção da Fábrica e toda sua oficialidade foram presas, em nome da Revolução, uma vez que se mantiveram fiéis ao

governo federal. E a Fábrica passou a produzir para a causa revolucionária. Na região de Piquete, as tropas constitucionalistas formaram uma grande frente que do Pico do Focinho de Cão se estendia até os Marins e Itaguaré. Buscavam impedir o avanço de tropas vindas de Minas Gerais. Trincheiras foram abertas em vários pontos da Mantiqueira e também nos bairros do Bemfica, Ronco, Posses e Marins. Artilharia pesada foi postada no alto da Matriz, no Grupo Escolar do Piquete e no aceiro da Fábrica. Esse conflito armado ficou restrito ao estado de São Paulo. Os governos do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, a princípio simpáticos à constitucionalização, não quiseram enfrentar as tropas militares do governo federal. Sozinhos, os paulistas não conseguiram manter a Revolução e, com o avanço das tropas federais, numericamente maiores e mais bem equipadas, recuaram inevitavelmente.

Vencidos, os paulistas assinaram a rendição em outubro de 1932. Aos poucos, Piquete foi retomando sua rotina. Os funcionários da Fábrica que aderiram à Revolução foram sumariamente demitidos. Foram anistiados, no entanto, por Getúlio Vargas, em dezembro daquele mesmo ano.

Em maio de 1933, os ideais da Revolução foram finalmente atendidos pelo governo federal, quando foram realizadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, que elaboraria a Constituição de 1934.

Imagem - Memória



Somente após a inauguração do Ramal-férreo Lorena-Bemfica e da Estação Ferroviária Rodrigues Alves, em 15 de setembro de 1906, é que a pacata Vila Vieira do Piquete conheceu prosperidade e inovações tecnológicas.

A Vila Vieira do Piquete há 100 anos

Quando o geógrafo Theodoro Sampaio passou por Piquete, em janeiro de 1893, dirigindo-se à Fazenda de São Francisco dos Campos, no alto da Mantiqueira, deixou registradas num livro suas impressões sobre a Freguesia de São Miguel: “localizado em sítio cujo relevo não é dos mais favorecidos, não se distingue senão pelo aspecto da paisagem que o rodeia. Modestas casas ao longo de ruas tortuosas e desniveladas, que a pequena Igreja domina do alto de uma colina, algumas fazendas de risonha aparência, com pastagens que vêm morrer à entrada do povoado, eis o que é o Piquete”.

Recém-emancipado como Vila, o novo município passava por um momento difícil. Encontrava-se numa encruzilhada marcada pela falta de recursos pecuniários e sem perspectivas de desenvolvimento. Contava com aproximadamente seiscentos moradores no seu núcleo urbano, distribuídos em pouco mais de cento e vinte casas, das quais somente umas quarenta eram cobertas por telhas. Por outro lado, a renda municipal de seis contos de réis anuais mal dava para pagar os empregados públicos indispensáveis. Nada restava para as obras necessárias à coletividade. Sua economia predominantemente agrária era baseada nas plantações de café, que, cada vez mais, produziam menos.

Isolada nos contrafortes da Mantiqueira, distante da Central do Brasil, a pequena Vila não se beneficiou do principal produto

proveniente da cafeicultura – a ferrovia – como acontecera nas principais cidades valeparaibanas. A dificuldade de transporte e de acesso aos grandes centros urbanos concorria para o isolamento e atraso em seu desenvolvimento.

Assim, quando da entrada do século 20, Piquete amargava um período de estagnação. O café migrara do Vale do Paraíba para as terras roxas do oeste paulista, e, com ele, a malha ferroviária e o progresso.

Se o isolamento e a geografia da Vila foram fatores que lhe dificultaram o desenvolvimento nos primeiros anos de emancipação, essas mesmas condições foram apontadas em um relatório feito por uma comissão militar, em 1901, como estratégias para que ali se instalasse uma fábrica de pólvora sem fumaça. Em janeiro de 1902, o Ministro da Guerra do governo Campos Salles, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, veio, a convite de Francisco de Paula Vicente de Azevedo, o Barão da Bocaina, escolher o local mais apropriado para a construção de um sanatório militar em terras por ele doadas. Nessa ocasião, o Ministro determinou a construção de uma fábrica de pólvora na região de Piquete e de um ramal ferroviário ligando a Vila à Central do Brasil, em Lorena, para transportar as máquinas e todo o material necessário à obra.

A partir do início das obras do Exército, Piquete adquiriu novos ares. Cresceu o

movimento de militares e trabalhadores, aumentando o número de construções na área urbana da Vila, necessárias para abrigar o fluxo de migrantes. O comércio recebeu novo alento e, conseqüentemente, a economia, um forte impulso.

Somente após a inauguração do Ramal-férreo Lorena-Bemfica e da Estação Ferroviária Rodrigues Alves, em setembro de 1906, é que Piquete conheceu prosperidade e inovações tecnológicas. A inauguração das primeiras obras do Exército consolidou a presença militar no município e, graças a ela, a cidade pôde sair da apatia em que se encontrava. O trem trouxe, além de modernidade, levas de migrantes de diferentes regiões do país, o que contribuiu para um impacto cultural no município, impulsionando-lhe o desenvolvimento.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Olga Junqueira

Quando se escrever sobre as propriedades rurais piquetenses e seus donos, um papel de destaque deverá ser dado às mulheres. Elas sempre foram o esteio e a força de união das famílias. Trabalhando de sol a sol junto aos maridos, administravam as sedes, distribuindo e executando tarefas.

Exemplo de tenacidade, força, trabalho e amor à terra é dado por Dona Olga Alves Ribeiro Junqueira que, por cinco décadas, residiu na “Fazenda Itabaquara”, onde ajudou o marido, José Dimas Junqueira, na lida e na criação dos filhos.

Nascida em Luminárias/MG, a 6 de novembro de 1913, era a caçula dos quatro filhos de José Alves Ribeiro e Rita de Cássia Ribeiro. Guarda, com detalhes, agradáveis recordações da vida na fazenda, dos irmãos – bem mais velhos –, do processo de alfabetização em casa, das colheitas e embarque, por trem, dos produtos na estação ferroviária de Encruzilhada, para as praças do Rio de Janeiro. Recorda-se, também, do Colégio Interno Santa Maria, em Cruzilha, de onde guarda as premiações por comportamento e bom desempenho em aritmética. Cita a formatura e o retorno à vida na fazenda, onde as festas dos santos e as juninas, e os feriados eram motivo para bailes. Foi num desses que, aos treze anos, conheceu José Dimas e se apaixonaram, vindo a se casar aos 16 anos, em 25-09-1930, em Aparecida. Em Minas, nasceram os três primeiros filhos: Wanderley, Ila e Vera.

Em 1939, o marido veio visitar o tio, Bernardino Penha Andrade, fazendeiro em Piquete, no bairro do Itabaquara. Gostou muito do lugar e, como a “Fazenda Itabaquara”, de José Lúcio de Souza, estava à venda, comprou-a por sessenta contos de réis. Dimas voltou, então, para Minas apenas para buscar mulher e filhos. Em pouco tempo já residia definitivamente em Piquete. Dona Olga conta que os primeiros tempos não foram fáceis: distante dos pais, isolada nos contrafortes da Mantiqueira, aos pés do Meia Lua, “chorava todos os dias... de saudade!” Fala-nos da casa-grande com cinco quartos, duas salas e ampla cozinha; da casa de máquinas, do moinho e engenho.



Com o tempo foi se acostumando. A fazenda produzia café, cana, mandioca, farinha, fubá e polvilho; o leite ia para a Cooperativa. Foi nela que nasceram os outros quatro filhos: Aloísio, Sebastião, Rita e Regina. Mais tarde, uniu-se à família a pequena Angelina, que chegou com sete anos.

Dona Olga fala dos fazendeiros vizinhos: os Pelúcios, na Santa Lydia; os Bragas, na Boa Vista; os Penhas, na Santa Inez; os Costas Manso, na Meia Lua. O bairro do Itabaquara, nos anos 40, era populoso e as festas na capela de São Sebastião, concorridas. Nas quermesses, eram Dona Olga e seu Penha os encarregados dos assados. Vinha gente de todos os lugares. Religiosa, sempre cumpriu com os ofícios da Igreja. Assistia à missa todos os domingos, na Matriz de São Miguel, bem como comparecia às procissões e Semanas-santas. Vinham a pé ou a cavalo.

Nos anos 40, seu marido construiu uma escola próxima à fazenda, para os filhos, agregados e vizinhos. Por lá passaram várias professoras: Áurea Braga, Leda Moreira de Andrade, Cida Dalécio...

Os filhos foram crescendo e vieram para o centro urbano, a fim de terminar os estudos. Dona Olga passou, então, a frequentar mais assiduamente a cidade. Não deixou, no entanto, a fazenda. Em 1990 mudou-se definitivamente para Piquete, pois o marido requeria cuidados médicos. Conta que “chorou muito ao deixar a zona rural. Foram cinquenta felizes anos de dedicação!”

Após 64 anos de casada, enviuvou. Hoje, aos 93 anos, cercada de cuidados, é exemplo de garra, determinação e tenacidade.

Casamento de José Dimas e Olga Junqueira, em Aparecida, a 25 de setembro de 1930.



Pobreza na riqueza

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Gilberto Dimenstein, colunista do jornal Folha de São Paulo, no dia 23 de julho, alertou-nos para uma situação comum em nosso país. Para atingir seu objetivo, tomou como exemplo a cidade fluminense de Macaé, que tem, atualmente, uma renda per capita de R\$ 96 mil, dez vezes maior do que a média brasileira.

Baseados nesse dado, poderíamos imaginar, então, que o município seria um “oásis” no país, com educação de qualidade à disposição da população, desemprego zero e excelentes perspectivas de crescimento para todos. Errado. Explica-se: as escolas de Macaé apresentam “desempenho mediano – e mediano, no Brasil, significa qualidade ruim”. Assim, com mão-de-obra local pouco qualificada, os melhores empregos gerados são ocupados por profissionais de outras cidades. Conseqüentemente, os macaenses não conseguem usufruir de uma riqueza que está à frente de seu nariz. “Esse exemplo de pobreza na riqueza faz dali um caso a ser estudado pelos candidatos, nessas eleições, sobre os efeitos do baixo investimento em capital humano”, resume o jornalista.

Dimenstein nos mostra que, sem educação de qualidade e sem investimento em “capital humano”, estamos fadados a ser apenas espectadores de poucos privilegiados que irão usufruir das riquezas, enquanto muitos continuarão à margem do crescimento e desenvolvimento. Não bastam recursos financeiros. Precisamos, sim, urgentemente, de recursos humanos de qualidade, capacitados e comprometidos com a melhoria da qualidade de vida de uma população, onde quer que estejam.

Fazendo uma analogia com Piquete, devemos nos questionar: o que faríamos se o município recebesse milhões de dólares? Se nossa renda per capita fosse multiplicada por cem mil? Será que estamos preparados para essa riqueza? Seríamos capazes de escrever e desenvolver projetos de qualidade com esses recursos? Teríamos mão-de-obra disponível ou seríamos obrigados a fazer como Macaé, que importa trabalhadores especializados, enquanto a população se ocupa do serviço pesado?

O exemplo de Dimenstein é claro: o que precisamos é de uma elite política e empresarial que conheça a relação entre capital humano e distribuição de renda, pois assim, “saberia que a riqueza está mais dentro da cabeça do indivíduo”, do que, no caso de Macaé, “debaixo da terra”. Assim, seriam priorizados os investimentos em escolas, cursos técnicos profissionalizantes, formação de tecnólogos; enfim, educação e cultura. A conclusão é óbvia: se entendermos Macaé, entenderemos por que o Brasil, tão rico, consegue gerar tanta pobreza. E Piquete, onde fica?

Memorial dos Moradores de Piquete - 20

Desdobrando o tempo

**“Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados.”**

“Nascemos, imensamente.”

Vinicius de Moraes (1913-1980)

In Poema de Natal

Geralda Rosa da Silva, uma piquetense, nascida e criada na Raia, onde mora até hoje, aí casou-se, constituiu família e tem muita história para contar.

Entrevistei-a na data de 14 de novembro de 2005, quando minha interlocutora contava 71 anos.

Descendente das Meméias, (entre elas, Júlia, Alzira, Maria, Olímpia, Antônia e Salomé, além de Benedito Júlio), guarda desses ilustres moradores a herança da sabedoria e as ligações que irmanavam os habitantes do bairro. Falar das famílias formadas no bairro da Raia é contar histórias de muitos eventos, festas, folias de Carnaval e de Reis, juninas e de comemorações especiais ligadas à Semana Santa, às penitências da Quaresma, do respeito aos dias santos da Semana da Paixão, dos resguardos e depois da eclosão das Aleluias. E aí, os ingredientes da culinária típica das paçocas de amendoim socadas no pilão de mão, a substituição da carne por outros alimentos: bacalhau de várias maneiras de preparo, peixe frito, legumes e também os jejuns recomendados pela Igreja.

Se as chances permitissem, uma preparação de içá torrada e farinha poderia vir em seguida, no decorrer do ano. A farofinha das içás, sempre bem aceitas.

No Natal, os arranjos domésticos dos presépios, a leitoa, os doces, a boa comida da reunião familiar. Quando possível, as castanhas no braseiro, e, se não as havia, sempre o pinhão da Quaresma era uma opção deliciosa. E nas festas juninas, os doces variados ao lado do quentão, dos pés-de-moleque e das mandioquinhas e melados... E sempre, as rapaduras, os doces de leite, as compotas da estação: figos, pêssegos, cidra, abóbora, e os doces de cortar: goiabada, marmelada, figada e os queijos mineiros. Afinal, “doce sem queijo é namoro sem beijo”. E também os licores caseiros.

Em nossa conversa com os moradores do bairro, vêm à mente as doceiras famosas, as banqueteiras, as cozinheiras do dia-a-dia, as quituteiras em geral. Fazedoras das quitandas vendidas nos tabuleiros às portas do cinema, na estação ferroviária e nas quermesses, ao lado dos frangos assados, os quartos de leitoa, os bolões de fubá e as balas embrulhadas no papel de seda colorido. E dos muitos antigos busís, sempre no papel de seda de cor branca, que, deliciosos, grudavam nos dentes e no céu da boca. E mais o amendoim torrado e açucarado no pacotinho em forma de cone. Além dos doces secos de batata-doce, abóbora, banana, figo, cocadas...

No imaginário lembrado em minhas conversas com D. Nair Porfirio, Celina de Barros e Geralda Rosa, as lembranças vão emergindo e desenrolando um tempo delas impregnado. Tempo que se desvela como memória imorredoura e marca indelével de registro. Geralda, minha entrevistada, a meu pedido, passa a falar da família. Filha de Antônia Maria Rosa e Antônio Eduardo Rosa, que, funcionário da Fábrica, morreu em uma explosão em 1948, aos 42 anos de idade.

Antônio Rosa trabalhava no 3º Grupo, setor de explosivos. Teve o pé enroscado e não pôde movimentar-se quando, no crematório, o evento se deu. A mãe, Dona Antônia Maria Rosa, faleceu aos 38 anos, prematuramente, deixando 11 filhos. A tristeza pela morte do marido a abateu profundamente.

Geralda relata ser viúva de Manoel Isidoro da Silva, apelidado de Manoel Jacó, que, ao morrer aos 58 anos, estava aposentado da FPV.

Faz questão de lembrar seus tempos de mocidade, quando foi Filha de Maria, irmandade das jovens de família, de moral ilibada e sólidos princípios virtuosos para honrar os vestidos, os véus brancos e as fitas e faixas azuis de tafetá recebidas com honrarias, para serem devolvidas no ato jubilar do matrimônio. E ser pedra angular de nova família.

Geralda, por exemplo, registra que deu à luz 16 filhos, dos quais 12 são vivos. Nomeia todos: Evandro Augusto, Paulo César, José Antônio, Carlos Roberto, Luiz Fernando, André Luiz, Silvana Maria, Maria Auxiliadora, Norma Suely, Edna de Fátima, Luciana Lafayete e Ângela Aparecida. Exatamente seis pares.

Lembra-se dos filhos mortos: do Luiz Alberto, falecido com 15 anos; da Rita de Cássia, com 13 dias e de mais dois, que não chegaram a nascer, abortados.

Na ramificação familiar cita vinte e cinco netos e cinco bisnetos. E orgulhosa, vai-se lembrando de um a um, confirmando os nomes com filhos e noras ao lado, sentados nós na acolhedora sala de visitas. Recebendo-me como sempre se fazia nos velhos tempos, com cortesia, de coração aberto, e fala impregnada das lembranças, sorrindo sempre. Geralda, uma imagem jovial e bonita das mães-de-família do bairro da Raia, relicário de nossas mais caras tradições, mostrava-se feliz ao lembrar os familiares. A tristeza tomou-a, por momentos, ao lembrar, mais uma vez, a morte do pai na explosão no crematório da Fábrica, numa tarde, às 15 horas, quando a fumaça fatídica recobriu parcialmente a serra, precedida pelo ruído provocado pelo sinistro evento em sua singularidade. Ruído reconhecido e temido por todos e acompanhado do desespero na busca das notícias pela população sofrida na tentativa de garantir um ganha-pão. Depois, o enterro – o túmulo da cruz estilizada para marcar o tempo do infortúnio, a família para ser cuidada, e a mãe, em desgaste profundo, morrendo cedo.

Tudo para ficar na memória do desfile dos vencidos, parte de uma outra História que não cabe nos monumentos espetaculares. Fica subjacente, embora registrada nos boletins das ocorrências, Mas, além de tudo, ficam as memórias dos habitantes do tradicional bairro da Raia, comunidade que possui fortes raízes na história de Piquete.

Dóli de Castro Ferreira

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa



Memorial da Fábrica

Na data de 14 de julho do corrente, comemorou-se o aniversário de 31 anos da IMBEL. Neste dia, reuniram-se seus representantes, diretores, técnicos e membros da Fundação Christiano Rosa, sob a liderança do general Álvaro Henrique Vianna de Moraes, vice-presidente em exercício da IMBEL, para dar prosseguimento ao plano de instalação do Patrimônio Histórico da Fábrica Presidente Vargas. Envolvidos por essa idéia, os participantes deram seqüência a uma série de propósitos, com vistas a instalar uma Casa de Memórias, com ênfase na iconografia e aparelhamento de trabalho no edifício-sede da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, além da discussão de um projeto para instalar um museu do estabelecimento fabril. Várias reuniões já se realizaram para esses fins e a reforma do edifício da Usina está em andamento, para que, na data comemorativa de sua inauguração, a 15 de setembro de

1906, portanto, há 100 anos, o evento de uma exposição retrospectiva seja realizado.

A referência da Usina Rodrigues Alves, como monumento histórico, é sobremaneira importante, pois foi, assim como a Estação

1909, com a presença do Presidente da República, Afonso Augusto Moreira Penna, tornou-se o estabelecimento cuja história vinculou-se à da cidade, razão pela qual a comunidade tem nela seu principal elemento simbólico. A história desses eventos

registra-se nos detalhes da construção dos edifícios-monumentos e saber entendê-los como sinais de nosso ideário é uma preocupação a que nos ligamos como marcas de identidade nacional e local.

Por essas razões, a Fundação Christiano Rosa, voltada à motivação cultural da comunidade que representa, sente-se convocada a participar e a estimular.

Deve ser relevado o esforço e o empenho da IMBEL por sua diretoria em preservar o patrimônio criado pelo Exército, em Piquete, como mais um serviço social de grande envergadura para a comunidade piquetense.

Dóli de Castro Ferreira



Ferroviária Rodrigues Alves e o ramal férreo Lorena-Piquete, inaugurada na mesma citada data, e constituídos como elementos fundadores da obra da construção dos demais edifícios que originaram a então denominada Fábrica de Pólvoras sem Fumaça. Esta, inaugurada a 15 de março de

O mito da qualidade na Educação a distância

Um número muito grande de pessoas dá sinais de que o entendimento acerca da educação a distância e da educação presencial é confuso. São comuns perguntas do tipo: – O diploma do curso a distância terá a mesma validade do curso presencial? – Pode se pensar que alguma empresa no momento de decidir a quem oferecer uma vaga de emprego optará pelo egresso da educação a distância ao invés daquele que é egresso da educação presencial? Tudo isso é mito, nada mais do que mito! Indica a incompreensão do que seja educação e das muitas formas – modalidades – em que pode ser ofertada.

Em especial, na educação superior tornou-se impositivo que o processo educacional seja revisto na sua totalidade, a fim de atender às reais necessidades dos estudantes e de capacitá-los com a qualidade diferenciada que o mercado de trabalho está exigindo. Para isso, alguns aspectos precisam ser superados: currículos fechados e inflexíveis, modelos de educação centrados no ensino e na mera reprodução de informações, e, principalmente, a oferta de uma única e exclusiva modalidade de educação, entre outros.

Na educação, pouco valor se tem atribuído às novas tecnologias de

comunicação e informação e ao papel que podem exercer em específico na relação ensino e aprendizagem. É interessante se constatar que, enquanto em diferentes setores e áreas de atuação humana elas foram introduzidas para otimizar e até revolucionar, na educação são vistas, muitas vezes, como ameaça.

Por isso, é importante que na tentativa de conceituar educação a distância e educação presencial não se busque distanciá-las, mas, sobretudo, entendê-las por meio da concepção de educação que as concebe. Também não se pode conceituá-las pelo uso de meios tecnológicos, pois esses nada mais são do que instrumentos de um sistema operacional, entendendo ainda que esse sistema não é propriedade da educação a distância e que a sua utilização pode trazer significativas contribuições para a melhoria das diferentes modalidades de educação.

Alguns pesquisadores apontam, inclusive, que a denominação educação a distância pode estar perdendo o sentido. Acreditam que no futuro poderá vir a se chamar “inovações tecnológicas em educação” ou “comunidade do conhecimento”, entre outras possíveis denominações. Talvez, nem se faça necessária uma

distinção. Isso ocorrerá a partir do momento em que as instituições educacionais efetivamente avaliarem a qualidade do ensino que ofertam. É urgente que enxerguem o quanto se faz necessária a transformação do ambiente pedagógico que, há algum tempo, já dá sinais de inoperância. Isso reforça algumas idéias que, aos poucos, ganham espaço: não há um modelo universal de ação pedagógica válido para todas as sociedades e instituições de ensino, assim como não é verdadeiro afirmar que o aluno só aprende na presença do professor.

Dessa forma, ao invés de negar, é preciso acolher outras modalidades de educação e também as tecnologias de informação e comunicação. É necessário incorporá-las, usá-las para dinamizar, espalhar e universalizar o conhecimento a favor do desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Nesse sentido, pode-se superar o distanciamento e projetar uma possível e desejável complementaridade entre as duas modalidades – presencial e a distância. Pensando assim, tem-se a sensação de que despontam algumas perspectivas positivas para a educação do futuro. E, é claro, sem mitos!

Laura Cristina Chaves

Crônicas Pitorescas

Os domésticos...

Palmyro Masiero

Tenho em casa dois animais domésticos. Um cão e um gato. Existe, entretanto um outro...

Sempre fui chegado a cachorro, e depois que perdi um grande amigo chamado Caveléu, desencantei-me,, e por egoísmo deixei de querê-los. Meu cunhado desincumbiu-se de uma cadelinha que não sei ande arranhou, deixando-a em casa. Não resolveu eu não querer. Sou minoria absoluta e ela lá ficou. A espevitada cachorrinha recebeu o lindo nome de Sabrina e foi a coisa mais maluca que já respirou por esse planeta.

Sabrina era da mais elevada, pura e fina estirpe da raça dos vira-latas. Com o advento da lei das sacos plásticos, foi encerrada esta dinastia e surgiu uma nova que, em homenagem a ela, colocamos o nome científico de "Sabrinus rasgu-sacorum". Característica maior é a facilidade em rasgar com as unhas os sacos plásticos, para examinar o conteúdo. E garanto que não é por fome não. É propriedade da raça mesmo. Mas tive que me desfazer dela quando se tornou cachorra-moça. Era sem-vergonha pra cachorro!

Quando ficou no cio, deu seu endereço para a cachorrada de todos os bairros. Não marcou hora para atendimentos, de maneira que, quando se chegava em casa, era uma dificuldade entrar, tal a quantidade de cães das mais variadas espécies e tamanhos que ali aportavam. Uma cachorrada conosco. Resultado: meses depois, uma maternidade cachorril em casa. Três cadelinhas e um machinho. Só após muita bronca consegui que ficássemos apenas com o macho. Contra a vontade geral, inclusive minha, tive que me desfazer da Sabrina, pois ela estava envergonhando o quarteirão inteiro. Solução para o bairro não ficar mal falado.

O que ficou, o segundo da genealogia dos rasga-sacos, foi batizado com o

brilhante nome de Pitágoras (Pita, para nós, íntimos) e é preto como o atual amor entre Israel e Líbano. Embora desde pequeno fosse preso para que se tentasse uma mudança na sua gênese, o danado conseguia sempre escapular da corrente e livrar-se. Ganhou a liberdade, pois era perda de tempo prendê-lo. A natureza falou mais alto. Está por aí saqueando.

Uma coisa é certa. O nome que lhe foi imposto é impróprio, pois seus cálculos nunca dão conjuntos-verdades, mas conjuntos de curativos: em três meses conseguiu ser atropelado cinco vezes. Ou nas enganamos, quem sabe, e ele tenha aspirações maiores como entrar no livro das recordes mundiais do Guinness. Tudo é possível a um descendente da Sabrina.

Com dois anos parece um Ford 29, de tanto conserto. E andando! Preto como é, se não tomar cuidado, vai virar remendo de asfalto logo, logo, e vamos ter que agüentar choradeira lá por casa.

Falei também de um gato. De gatos eu não gosto.

Pois pintou um amarelinho por casa (dizem que apareceu, mas não creio muito) e foram-me levando na conversa, que era só ficar maior que dariam sumiço no bicho... Tempo correndo, e hoje ele está cá, dono absoluto da casa. Não lhe dou intimidades, mas o gatuno me olha e leio em seus pensamentos: "Esse cara tá no papo". Sei! Tenho certeza de que ele tira o maior sarro com minha cara. Dou-lhe, como vingança, desprezo. Por enquanto ele se chama Juliano. Essa dúvida advém de nossa ignorância sobre sexo dos gatos. Agora, que está curtindo uma boêmia noturna, é que se vai ver, depois de algum tempo, se não se terá que mudar para Juliana.

Dois animais domésticos em casa. O terceiro? Tenho que reconhecer: é o mais domesticável de todos: eu!

Voar é sentir-se livre

Edival da Silva Castro

Agenor Ferreira, hoje octogenário, por muito pouco deixou de inaugurar o Aeroclube de Guaratinguetá.

Algumas histórias ele me contou:

Cursava a Escola Normal Livre Duque de Caxias, na cidade de Piquete, quando se interessou pela arte de voar.

Indo para Guaratinguetá, na década de 50, teve como instrutor de pilotagem o Sr. Alcebiades Freire, que lhe ministrou apenas 1h45min de aula, o bastante para um monomotor decolar e aterissar.

Todos que tiravam o brevê eram batizados com banho de óleo.

Lembra-se, nitidamente, do seu teco-teco preferido, o de prefixo PP-TMC, que fora apelidado de "Tome Muito Cuidado". Era um avião gracioso e confiável. Voaram juntos por muito tempo, nas intempéries e por este céu azul a fora.

Certa vez, apareceu no Aeroclube um cidadão vendendo bilhetes da rifa de um teco-teco. O valor de cada bilhete era de "cem contos de réis". Foram comprados cinco bilhetes. Algum tempo depois, chegou pelo telégrafo a notícia de que o Aeroclube tinha sido agraciado com o bilhete premiado. Coube a ele e ao Benedito Alves Coutinho buscar a aeronave no Paraná.

O Aeroclube de Guaratinguetá começava a crescer. Mais outra aeronave que o André Broca Filho trouxe da cidade de São Lourenço-MG, uma Pipper-J4, side-by-side, às demais.

Num dos passeios corriqueiros, voava com o Suboficial José Cerqueira Mota, o Motão, sobre as adjacências da cidade de Lorena. De repente, o motor começou a aquecer. A temperatura subia de tal maneira, que não pôde ser controlada. Não teve escolha, passava sobre a pista de Cachoeira Paulista a Canas, estrada velha Rio-São Paulo... Ali mesmo conseguiu colocar o teco-teco em terra. Após alguns dias, o avião foi desmontado e levado numa carroçaria de caminhão ao Aeroclube. Ao ser aberto o motor, verificou-se entre os cilindros uma casa de marimbondos que impedia a circulação do ar.

A façanha maior coube a ele, Tônico de Almeida e Lindolfo Moreira, no dia em que o Brasil perdia a Copa do Mundo, em pleno Maracanã, para os uruguaios, nos anos de 1950: aterrissagem acima do muro do cemitério da cidade de Piquete, num local íngreme e perigoso. Cada um com a sua aeronave, subiam e desciam como numa pista normal.

Muitas tantas outras peripécias aconteceram. O Aeroclube de Guaratinguetá está no seu coração.

Sempre que ele vê um teco-teco rodar a cidade, volta ao passado e lembra-se do PP-TMC – Tome Muito Cuidado.

"Voar é sentir-se livre", foi o que me disse.

Rembrandt Hermans van Rijn

Leiden, 04 de julho de 1606 - Amsterdam, 4 de outubro de 1669

Foi um pintor e gravador holandês.

Nasceu numa humilde família, filho de um moleiro. Alcançou fama e fortuna e acabou por perdê-las, em parte devido à sua própria inaptidão para os negócios, e em parte devido à sua rebeldia e má relação com os clientes que lhe encomendavam quadros.

Rembrandt pintou mais auto-retratos que qualquer



Reprodução

artista em sua época: estima-se que tenham ultrapassado uma centena. Sua centralização no seu próprio rosto como tema dos quadros constrói uma linha de progressiva representação de sua própria história pessoal e como ela foi evoluindo ao longo de sua vida. Isso ajudou o pintor a expor sua sensibilidade, sem se preocupar com o gosto do retratado sobre o resultado da obra final.

Fundação conclui formação de “Agentes Multiplicadores”

Em prosseguimento ao Projeto “Comitês das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos”, priorizado pelo Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) e financiado pelo FEHIDRO – Fundo Estadual de Recursos Hídricos, foi concluída mais uma das etapas previstas, que, desta vez, foi realizada nas dependências do Rotary Club de Piquete, entre os dias 24 e 25 de junho e 1º e 2 de julho. O enfoque esteve voltado para a formação de “Agentes Multiplicadores” para elaboração de projetos. O pré-requisito do interessado (cidade) em participar desta etapa foi ter participado do Curso de Capacitação de Agentes em Elaboração de Projetos, etapa anterior do projeto, ocorrida em Piquete.

O curso de Agentes Multiplicadores, com duração de quatro dias, constou da seguinte programação:

Fotos Arquivo Pró-Memória



- **Legislação Básica Ambiental** - Dra. Andréia Francomano (CEIVAP, Secretaria de Meio Ambiente de Jacareí);

- **Avaliação de Resultados e Relatórios de Avaliação** - Arquiteta Ana Maria de Gouvêa (FCR);

- **Orçamento e Custos** - Eng. Celso Giampá, Diretor Técnico da Clínica de Engenharia;

- **Mobilização e Organização Social e Perspectivas dos Comitês de Águas para 2007** - Prof. Lázaro Tadeu da Silva, Coordenador de Organização dos Comitês de Águas Municipais;

O projeto trouxe, novamente, o consultor Ricardo Falcão, que, durante os dois últimos dias falou sobre:

- **Indicadores de Resultados;**

- **Fatores de Risco;**

- **Fatores Mitigantes;**

- **Captação e Fontes de Recursos**

- **Oficina de Elaboração de Projeto**



Nota da Cidade

Foto Arquivo Pró-Memória



✓ “Operação Marins”

Aconteceu no dia 15 de julho, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, o lançamento do livro “Operação Marins – O sumiço do escoteiro Marco Aurélio”, de Rodrigo Nunes.

O livro, resultado do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo do autor, apresenta uma pesquisa jornalística sobre a história do desaparecimento do escoteiro Marco Aurélio Simon, ocorrido em 1985. O evento de lançamento foi muito concorrido e contou com a presença do pai do escoteiro, jornalista Ivo Simon, que aproveitou a oportunidade para, mais uma vez, agradecer o apoio que recebeu do município, à época do desaparecimento.

✓ Simpósio de História do IEV

Realizou-se nas Faculdades Integradas de Cruzeiro, na cidade de Cruzeiro/SP, o XX Simpósio de História do Vale do Paraíba, entre 30 de junho e 2 de julho de 2006, promovido pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), em parceria com as Faculdades Integradas de Cruzeiro e a Secretaria Municipal da Cultura, Esporte e Turismo de Cruzeiro. A temática versava sobre a **Estrada Real – história e turismo**, com importantes trabalhos de pesquisa e referência. Tratando-se de evento com foco em tema de atualidade, vários autores apresentaram obras de cunho regional cujas publicações já evidenciam importante rede de conexões. Essa é a evidência que o turismo sinaliza. Dadas essas significações, a pesquisadora Dóli de Castro Ferreira apresentou comunicação oral sob o título de **Estrada Real de Minas e as Cidades do Ouro**, pois Piquete é uma dessas cidades nascidas dos caminhos à busca dos minerais preciosos e dos interesses conjugados nesse movimento.

✓ Convite para Roda de Jongo

O grupo de jongo coordenado pelo professor Gilberto Augusto convida para uma Roda de Jongo, na quinta-feira, dia 03 de agosto, a partir das 20h30min, na Vila Eleotério (Bráz), quando será servido, gratuitamente, “angu à baiana”.



Acesse, leia e divulgue o informativo
“O ESTAFETA”:

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Educação Patrimonial

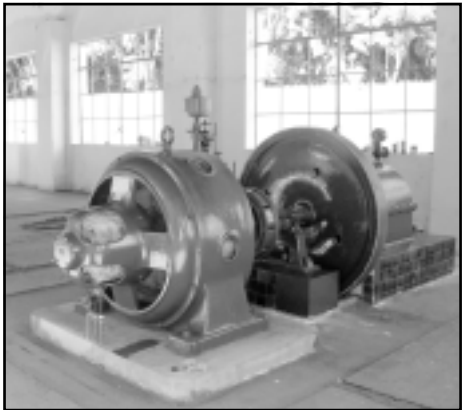
No próximo mês de setembro, comemoraremos o centenário da Estação Ferroviária e da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, obras do Exército do início do século 20, construídas para servir a Fábrica de Pólvora sem Fumaça. Consideradas patrimônio histórico-arquitetônico de Piquete, as duas edificações são repletas de simbologia e estão sendo restauradas, o que vem ao encontro do desejo da comunidade piquetense, que vê seu patrimônio ser valorizado.

Nos últimos anos, tem-se assistido, por todo o país, ao crescimento de um movimento pedagógico voltado para a valorização do patrimônio cultural: fala-se em educação patrimonial. Esse processo pedagógico tem origem na observação de que as novas gerações vêm perdendo os vínculos com o passado, não valorizando suas diferentes manifestações culturais, herança de nossos predecessores, e que, muitas vezes, são somatório de experiências acumuladas e transmitidas através dos tempos. Daí, a necessidade de se repensar a educação patrimonial e aplicá-la em diferentes setores da sociedade.

O conhecimento e valorização do patrimônio cultural e a apropriação consciente por parte da comunidade são fatores indispensáveis no processo de preservação desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

O patrimônio, como o nome diz, é algo herdado de nossos pais e antepassados. Essa herança só passa a ser nossa, para ser usufruída, se nos apropriarmos dela, se a conhecermos e reconhecermos como algo que foi legado e que devemos deixar como herança para nossos filhos, para as gerações que nos sucederão no tempo e na história. Uma herança que constitui nossa riqueza cultural, individual e coletiva, nossa memória, nosso sentido de identidade, aquilo que nos distingue de outros povos e culturas.

Nós, piquetenses, devemos nos orgulhar de ter no município uma estação ferroviária singular como a Rodrigues Alves e uma usina hidrelétrica em estilo eclético, única no Vale do Paraíba. Preservar essas jóias arquitetônicas para as gerações futuras é um exercício de cidadania.



Fotos: Arquivo Pró-Memória

Ó bolo! Óbolo

Abigayl Lea da Silva

Onde não há produção, não há riqueza. Onde não há riqueza, não há educação, não há saúde, não há saúde, não há esporte. Não há ciência nem arte.

O Teatro Amazonas, por exemplo. No período áureo da borracha, brotou no meio da selva. Atraiu artistas renomados. A borracha perdeu sua importância, o teatro se calou. Com a Zona Franca de Manaus, foi restaurado e já tem sua orquestra.

Consideremos, para reforçar, as fazendas e as cidades do lado baiano do rio Jequitinhonha. Acabou o cacau, as fazendas se encolheram. Ou lacram as porteiras. Os casarões das cidades, obras de arte de elevado custo, estão em ruínas.

Imaginemos um país com 5.564 municípios. Suponhamos que 64 destes forneçam os ingredientes para o tão celebrado bolo nacional. Admitamos ainda que 500 ajudem a bater e assar o bolo. Bolo pronto, os outros 5.000 vêm reclamar a sua fatia. Ínfima, não há dúvida.

Começa o debate.

Os ricos abocanham a maior parte. Ora, os ricos são os empresários que garantem os empregos. Se os ricos perderem o dinheiro, de manhãzinha, a sirena da fábrica de tecidos vai deixar de chamar os trabalhadores.

Só os bancos têm lucro. Sem dinheiro a custo razoável, como garantir a saúde das empresas?

Poupar ou gastar? O governo japonês pede ao povo que poupe menos. O governo indiano pede aos ricos que deixem de comprar jóias e armazenar em casa, porque os bancos precisam de dinheiro para viabilizar o desenvolvimento. Os americanos são os maiores gastadores do mundo, mas as velhinhas do Arkansas têm dinheiro no cofrinho do banquinho.

Não quero o Brasil entre os grandes. Quero o meu país entre os justos.

Quero que os ricos fiquem mais ricos. Que aumente o número de ricos. Que os bancos tenham mais dinheiro.

Quero que a produção se fundamente em um projeto inteligente, que permita que todos os brasileiros contribuam para a riqueza nacional.
